

Tédio e espetáculo esportivo	Titulo
Lovisoló, Hugo - Autor/a	Autor(es)
Futbologías: Fútbol, identidad y violencia en América Latina	En:
Buenos Aires	Lugar
CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales	Editorial/Editor
2003	Fecha
	Colección
Espectáculo Deportivo; Trabajo; Industria de la Cultura; Cultura; Deportes;	Temas
Capítulo de Libro	Tipo de documento
http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20100920012824/14Lovisoló.pdf	URL
Reconocimiento-No comercial-Sin obras derivadas 2.0 Genérica http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/deed.es	Licencia

Sigui buscando en la Red de Bibliotecas Virtuales de CLACSO
<http://biblioteca.clacso.edu.ar>

Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO)
Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO)
Latin American Council of Social Sciences (CLACSO)
www.clacso.edu.ar



Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales
Conselho Latino-americano de Ciências Sociais
Latin American Council of Social Sciences



Tédio e espetáculo esportivo

Hugo Lovisolo*

Introdução

Este texto tem um proposital caráter de ensaio. Estou interessado em contribuir para abrir sendas que acredito promissoras para o entendimento do espetáculo esportivo. Usarei exemplos da vida cotidiana, tomados como dados de bom senso ou de percepção comum e os explicarei a partir de premissas que não sendo originais estão submersas ou pouco trabalhadas nas ciências sociais. De fato, estou mais interessado em argumentar a favor do valor iluminador de algumas premissas. Realizarei minha exposição em dois movimentos. No primeiro, de forma breve, afirmarei um conjunto de sentenças sobre as quais acredito que existe um consenso considerável. Esses acordos significam o pano de fundo sobre o qual, num segundo movimento, apresentarei algumas “hipóteses” de leitura sobre o esporte competitivo e o espetáculo esportivo. Não acredito que sobre as segundas contemos com o mesmo grau de consenso que existe sobre as primeiras. Vamos, então, na direção dos acordos.

Creio que nos resultaria muito difícil imaginar o atual esporte competitivo sem nenhum vínculo com o espetáculo esportivo e, tradicionalmente, com o jornalismo esportivo no rádio e na imprensa (Lovisolo, 1999). Isto significa que nos meios de comunicação considera-se a competição esportiva como conteúdo adequado e valioso para uma programação atraente, excitante. Consideram,

* Doutor em Antropologia Social, Coordenador de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Gama Filho, professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado de Rio de Janeiro.

então, o esporte espetáculo ou esporte espetacular como bom de audiência e, a esta, como estando na procura do lazer, da emoção, da passagem para um tempo excitante mediante o “esporte espetacular” (Lovisolo, 1997). Estamos pressupondo que podemos afirmar que os meios formam parte de empresas orientadas pelo lucro e que, de modo geral, agem num mercado concorrencial objetivando a ganhar o maior número possível de “clientes”.

Creio, em segundo lugar, que não podemos já imaginar o espetáculo esportivo sem alguma forma de competição: entre equipes, entre indivíduos, entre marcas comerciais ou entre recordes. Assim, sobram palavras em nosso título e, portanto, podemos entender que espetáculo esportivo é quase sinônimo de esporte competitivo.

Diria que, em terceiro lugar, não podemos imaginar o espetáculo esportivo separado do mundo “bem prático” dos negócios. De fato, o espetáculo esportivo tornou-se um campo polifacético e tentacular de investimentos e lucros. Um campo de negócios ainda em crescimento e vinculado, de modo geral, à indústria do lazer. Os estudos econômicos indicam a crescente participação da produção do lazer nas economias nacionais e durante os anos de grande crescimento da economia americana, ‘90 a ‘96, a ocupação em suas atividades foi a que teve o maior crescimento.

Em quarto lugar, em todas as etapas do processo esportivo, desde a formação do atleta à transmissão do espetáculo, houve uma crescente racionalização e especialização. Assim, o esporte competitivo e o espetáculo esportivo são dirigidos por especialistas, peritos ou *experts* e, cada vez mais, por empresas especializadas. Temos, então, racionalização, especialização, tecnificação e organização empresarial como dimensões do espetáculo esportivo. As universidades crescentemente participam da formação desses especialistas, isto é notório no caso do Brasil.

Creio, em quinto lugar, que o espetáculo esportivo competitivo demanda o herói, a estrela esportiva. Sem essas figuras perderia força, e sabemos que assistimos tanto pelo prazer do jogo coletivo quanto pelo gerado por os desempenhos individuais. Ronaldo Helal tem insistido suficientemente sobre este aspecto central. Quando Guga passou a ganhar os grandes prêmios do tênis, meus colegas tenistas amadores manifestavam abertamente a confiança e esperança no seu crescimento, agora sim, no Brasil.

Por último, podemos concordar em afirmar que o espetáculo esportivo tornou-se transnacional, globalizou-se ou apagou as proteções das fronteiras naturais e as políticas. O espetáculo esportivo competitivo penetrou até nas sociedades consideradas como primitivas e tradicionais. Não raro, fazendo declinar as formas tradicionais de diversão ou despertando a pretensão de reconhecimento dos jogos tradicionais como esportes competitivos. No caso do

Brasil, por exemplo, a pretensão de reconhecimento da capoeira enquanto esporte olímpico está presente na capoeira, embora parcela dos capoeiristas defendam sua não inserção no campo do olimpismo. Coisa semelhante parece estar acontecendo com o “ioga esportivo”, que torcendo os tradicionais significados religiosos e higiênicos ou de saúde, aparece com pretensões de esportivização competitiva e espetacularização.

Podemos concordar em atribuir ao espetáculo esportivo uma capacidade de mobilização e recrutamento de espectadores que é única. Podemos dizer que se tornou um “atrator mediático” de caráter universal. Contudo, durante as últimas três décadas a televisão, e em particular o espetáculo esportivo, tornaram-se alvo de pesadas e diversificadas críticas, sobretudo, a partir das perspectivas dos projetos emancipatórios. Embora esta crítica esteja perdendo força, diante das que salientam os aspectos sociais e culturais positivos do esporte, continua ainda vigorando no campo das análises dos esportes.

Explicações universalistas e relativistas

Irei na direção das questões que me preocupam e formularei algumas premissas interpretativas tendo como horizonte os paradoxos gerados pela contradição entre a importância do espetáculo esportivo, em especial para a televisão, e suas críticas.

Parece-me que uma questão relevante, embora não seja nova, envolve a contradição entre uma profunda, intensa e ampla globalização do esporte espetacular, universalizante e racionalizante, e a reivindicação de reconhecimento e defesa da diversidade e, sobretudo, das culturas particulares ou “locais”, étnicas e nacionais. Assim, no campo das atividades esportivas o confronto entre universalistas e relativistas tornou-se um vetor constitutivo das propostas de desenvolvimento.

Diria que essa poderosa contradição gera três movimentos ou estratégias práticas no campo dos movimentos esportivos: a defesa dos “esportes tradicionais locais”, a tentativa de universalizar as práticas esportivas locais e as tentativas de participação e destaque no esporte espetacular, e posto como universal, dominado pelo Ocidente.

Em aparente contradição, essas estratégias foram e estão sendo mobilizadas isoladas ou simultaneamente. O objetivo do reconhecimento nacional ou étnico, e mesmo individual, aparece *prima facie* como fundamento dessas ações. Suas vias, no entanto, podem ser diferentes.

A vontade de reconhecimento, entretanto, leva na direção de um paradoxo: para ser reconhecido é necessário estar na mídia, portanto, é necessário aceitá-la e dela participar. Ou seja, o trabalho crítico, quase sempre presente nas

reivindicações de reconhecimento, mesmo das práticas consideradas como tradicionais ou da própria cultura, apenas pode ser realizado no interior da própria mídia. Depende-se do meio que se critica. Assim, para afirmar o valor da diferença –da própria cultura– daquilo que está na televisão –a suposta cultura ocidental dominante– é necessário fazê-lo na própria televisão.

Surge uma questão mais específica e que acredito bem mais significativa. Como explicarmos, se aceitamos e acreditamos na diversidade –mais ainda, se acreditamos na “necessidade” do pertencimento e de sua expressão– a profunda difusão e penetração da mídia ocidental, e sobretudo do espetáculo esportivo, no universo da diversidade das culturas?

Destaquemos, antes de continuarmos, que os programas de alta difusão internacional são os que habitualmente caracterizamos como destinados a entreter, a divertir a ocupar o tempo de lazer, pressupondo a existência do tédio e a necessidade do divertimento. Assim, a comunicação dominante parece estar destinada a ajudar os espectadores a passar o tempo, a divertir-se, a emocionar-se, a superar o tédio. Desta ‘peculiaridade’ parece decorrer a importância ganha pelo esporte nos meios, e de modo mais amplo pela indústria em expansão do lazer.

O fato de que culturas absolutamente diversas –africanas, asiáticas e latino-americanas– aceitem o espetáculo televisivo, e o esportivo em particular, parece constituir um argumento anti-relativista ou, dito de forma mais suave, uma relativização do próprio relativismo, pois somos levados a pensar que existe alguma coisa universal nessa adesão entusiasta.

Sob o ponto de vista universalista, parece ser fácil apontar que a necessidade de diversão ou “antitédio” do “ser humano”, e a demanda correlata de atividades que a satisfaçam, constituiria a base para darmos conta da importância ganha pelo espetáculo esportivo ocidental. Contudo, podemos também nos perguntar sobre os motivos que levariam a abandonar ou a fazer coexistir as atividades tradicionais com o esporte espetacular ocidental. Teria este uma maior carga antitédio do que as formas tradicionais e por isso as substituiria de forma crescente? Sua atração seria produto de sua carga cosmopolita e das possibilidades diferenciadas de circulação que abre? Ou, o eu talvez seja mais provável, sua força reside na combinação que satisfaz diversas necessidades e aspirações?

O pensamento crítico usa a brecha da ausência de resposta e desenvolve a idéia, não menos poderosa, de que a universalidade na aceitação do espetáculo seria produto de imposições, do vigor da influência, dominação ou poder de Ocidente sobre culturas bem distintas. Observo que esta segunda também é uma premissa geral, não menos universalista que a primeira, embora desloque a explicação da esfera clássica da necessidade para a esfera, não menos clássica, do poder. Acredito que esta explicação, no caso do esporte espetacular, esquece que esportes tradicionais, e não ocidentais, como as artes marciais orientais forma

incorporadas tanto à cultura esportiva ocidental quanto ao esporte espetacular. Mais ainda, esquece que o Comitê Olímpico Internacional funciona como uma espécie de platô de reconhecimento: um esporte tradicional para se tornar olímpico deve galgar esse platô mediante sua organização nacional e internacional.

O esporte que apresenta a capacidade de organização e de pressão será reconhecido com Olímpico. Temos, assim, uma seleção competitiva estabelecida pelo modo de funcionamento do reconhecimento, muito semelhante ao modo de funcionamento da democracia americana (Wolf, 1970).

Como é mais ou menos evidente que podemos enunciar exemplos contrários para ambas as hipóteses, temos que reconhecer que estamos numa situação dilemática: não sabemos se realizamos escolhas de explicações universalistas ou relativistas.

Creio que a literatura em ciências sociais sobre o esporte acaba realizando uma combinação do universalismo e do relativismo. Supõe que a vontade ou necessidade de jogar é universal, a partir dos clássicos exemplos de animais e crianças, para depois afirmar sua realização cultural singular. As explicações seguem, embora com algumas diferenças, os lineamentos traçados por Huizinga em *Homo Ludens*¹. Creio que colocado dessa forma cometemos dois equívocos.

Primeiro, supomos que a vontade de jogar é universal, eu diria que se há universalidade ela reside na vontade de fugir do tédio. As atividades de lazer, de diversão, constituem um “remédio” para o tédio. Interpretaria as contribuições de Norbert Elias nessa direção, a busca da excitação baseia-se na vontade de escapar do tédio. Creio que poderíamos encontrar fundamentos neurofisiológicos e neuroquímicos para a necessidade de combater o tédio. Não creio que os encontremos para a vontade de “jogar”. Sob o ponto de vista da política das ciências sociais, quando elas estavam nascendo seus fundadores foram muito oportunos em rejeitar fundamentos e sobretudo redução às ciências da natureza. Contudo, hoje, quando as ciências sociais são legítimas, é de boa política reatar as pontes com as da natureza, sem que isso signifique necessariamente redução, mas vontade de integração, de desfragmentação. Em segundo lugar, o relativismo que praticamos me parece conciliador, pois supõe uma necessidade universal que apenas pode se realizar localmente. Isto não é nada diferente de afirmar que a capacidade de fala é universal e sua realização diferenciada, já no fato básico de que cada língua apenas usa alguns dos sons que temos capacidade de emitir. Estamos afirmando que a questão ou o problema é universal, porém que admite várias soluções. Não acredito que haja algum universalista que esteja contra essa formulação.

A conciliação, ainda, não soluciona a questão sobre a aceitação do esporte espetacular. Creio que temos que refinar nossos instrumentos conceituais e os dados para podermos aproximar respostas a essa questão.

Lazer, tédio e espetáculo

Em nosso campo de conhecimento, as ditas ciências dos esportes e do lazer, estamos presos a argumentos elaborados no século passado. Parece-me importante destacar que, desde o século passado, os argumentos a favor do lazer estão muito amarrados a uma linguagem economicista e utilitária, quando, por exemplo, o lazer foi criticado por ser contrário à produtividade (Thompson, 1998) ou, quando, mais tarde, foram salientadas as vantagens do lazer para a produtividade do trabalhador (Rabinbach, 1992). No segundo caso, o lazer devia contribuir para diminuir esse mal que era a fadiga provocada pelo desenfreio e estafante desejo de produção e lucro. Hoje, não raro, os argumentos utilitaristas são repetidos em relação ao estresse, ocupando este o lugar da fadiga (Lovisolo, 2000). O lazer ao longo de nosso século foi definido em suas relações de afinidade com o tempo livre, em oposição ao tempo necessário e regulado do trabalho, continuando a incidência da matriz criada ao longo dos últimos dois séculos (a considerável produção de Dumazedier centra-se sobre essas relações). Destaquemos que quando falamos de trabalho temos em mente qualificativos como pesado, duro, degradante, esforçado, mas, também, adjetivos como monótono, entediante, não divertido². Os adjetivos do trabalho relacionados com o tédio ganharam importância na sociedade “pós-industrial”, embora os relacionados com o esforço ainda sejam realidade dura para grande parte da população mundial. O ideal de trabalho que está em processo de definição é aquele visto sob o prisma das atividades antitédio. Escolheremos crescentemente os trabalhos não entediantes e prazerosos, eles possuem propriedades do ócio.

Eu proporia desviar a o olhar e observarmos o esporte dentro do lazer em termos de sua oposição com o tédio. Deslocaria, então, o privilégio concedido na definição do lazer as relações com as necessidades de produção e reprodução. Autonomizaria o lazer mediante o reconhecimento do tédio. Definiria o lazer como qualquer atividade que nos distancia do tédio ou permite combatê-lo. O tédio é como uma sombra que nos espreita em qualquer sociedade e cultura. Assim, inventar atividades antitédio é uma das esferas de intervenção da criatividade cultural. O jogo seria uma atividade antitédio. Creio que as coisas ficam mais claras se eliminamos a igualdade que domina nas relações entre tédio e jogo, digamos que a categoria do tédio pertence à ordem da competência, o jogo, à do desempenho.

Há uma ampla valorização daqueles –produtores, artistas e esportistas– que participam da geração da diversão, embora, por vezes, sejam considerados como personagens liminares, com estilos de vida próprio que tanto podem ser criticados moralmente quanto se tornarem modelos estéticos a serem perseguidos. Os meios de comunicação especializaram-se em apresentar a vida desses modelos. Creio que nos interessamos neles porque supomos que sus vidas são excitantes, divertidas, com poucas oportunidades de tédio.

A questão principal que ainda subsiste, a partir do pensamento crítico, é sobre o porque as pessoas dedicam tanto tempo as banalidades dos meios de comunicação. Diria que as pessoas estão predominantemente escapando ao tédio e, inspirado em Elias, poderia sugerir que quando mais segura é uma sociedade mais tédio comporta e, portanto, mais cresceram as atividades antitédio, dentro das quais se destaca o esporte espetacular. Assim, sob minha perspectiva, que as sociedades crescentemente seguras, em função da riqueza e das políticas públicas, ao mesmo tempo sejam sociedades do espetáculo não nos deveria estranhar. O espetáculo pretende tirar-nos do tédio, mediante promessas do superinteressante, do superexcitante, do superespetacular, etc.

Sem recorrermos ao tédio não poderemos explicar porque as pessoas perdem o tempo com programas banais ou espetaculares da televisão. Em artigo escrito faz mais de uma década, Enzensberger (1991) sistematizou as críticas mais comuns à televisão, questionou seus fundamentos e elaborou uma hipótese alternativa para entendermos a conduta do espectador. O argumento positivo de Enzensberger é que os meios de comunicação alcançam seu objetivo quando se aproximam do “estado de meio zero” (1991: 84), um estado no qual o conteúdo perde qualquer importância, como na arte moderna. Mas, não ocorre alguma coisa semelhante com o esporte? Qual o conteúdo de um esporte? As regras, seu desempenho e o resultado. Temos que admitir que é um conteúdo limitado. O jogo e o esporte não tratam de, eles estão para ser praticados ou vistos. Não perguntamos sobre de que o trata, como faríamos com um filme ou um livro, perguntamos: como foi o jogo? Aceitando a redução do conteúdo, sua pouca importância, as questões significativas passam a ser formuladas sob o ponto de vista do espectador, do público, do usuário. Bem distante de se deixar manipular (educar, informar, culturalizar, ilustrar, advertir), ele imporia suas preferências aos meios. Os meios que não se inclinam diante de seus desejos seriam desligados. O espectador seria consciente de que lida com um meio de negação da comunicação, o meio “zero”, e isso o atrairia. As demandas para a televisão seriam, então, as de divertir ou entreter, ajudar a passar o tempo, reduzir o tédio e contribuir para relaxar e, então, a falta de conteúdo seria uma das condições para a realização dessas intenções.

Então, Enzensberger, formula o núcleo de sua visão: “O espectador conecta a televisão para desconectar-se” (1991: 89). “A televisão é utilizada primariamente com método bem definido para uma prazerosa lavagem cerebral; proporciona uma higiene individual, é automedicação. O meio zero é a única forma universal e de massas de psicoterapia” (Enzensberger, 1991: 90).

A televisão funciona porque desconecta e quando faz isso entretém, faz o tempo passar, é um divertimento. A televisão é, sobretudo, um caminho de divertimento, de lazer, e os caminhos de lazer supõe uma desconexão. O tempo do lazer é, sobretudo, um “outro tempo”, como na teoria do jogo de Huizinga. As

diversas teorias do lazer lidam com a questão sobre a especificidade do tempo do lazer. Que tempo é esse? Eu digo, é um tempo antitédio. De fato, desligamos o televisor ou trocamos o canal quando provoca tédio.

O antropólogo americano M. Sahlins, em artigo que foi clássico da antropologia econômica, defendeu o ponto de vista de serem as sociedades ditas primitivas as verdadeiras sociedades afluentes. Nelas, segundo seus dados etnográficos, as pessoas dedicariam mais tempo ao “lazer” do que as sociedades ditas avançadas ou afluentes. Os historiadores, por seu lado, demonstraram que a quantidade de dias laboráveis na Europa pré-moderna era bem inferior aos que se tornaram prática no mundo moderno. Assim, ócio ou lazer ocupavam grande parte do tempo das sociedades primitivas e tradicionais, ainda que, não raro, sob a forma de ritual religioso.

Fechando suas explorações sobre os conceitos de cultura e religião, Eliot entendia que a religião dá um significado aparente à vida, fornece uma estrutura para a cultura e “protege a humanidade do tédio e do desespero” (1988: 48). Em nossas sociedades ocidentais, onde acabou sendo dominante o lazer não religioso, podemos facilmente perder de vista a proteção que a religião ofereceu, e talvez ainda oferece, contra o tédio, conservando apenas sua contribuição na produção de sentido e de proteção contra o desespero. Os religiosos cristãos, sobretudo os católicos, talvez deixaram de compreender a função antitédio. A renovação católica no Brasil passa por incorporar as ações antitédio dentro do ritual. O caso do padre Marcelo, “casualmente” formado em educação física, é exemplar como introdutor de elementos antitédio no ritual católico.

Se procuramos a religião apenas quando nos invade o desespero, e nos protegemos do tédio com outros recursos, a televisão entre eles, parece ser apropriado que os responsáveis pela religião visualizem as condutas dos fiéis e espectadores como desagregadoras ou como provocando a perda dos vínculos religiosos. O mesmo argumento foi repetido pela crítica política progressista quando perdeu a capacidade de aliar atividades antitédio a política. Creio que quando a política perde sua cor de “aventura”, de “esporte”, os militantes saem. No caso do Partido dos Trabalhadores no Brasil é paradigmático: tentou, e ainda tenta, incorporar a diversão, a alegria, a excitação dentro dos eventos políticos.

O lazer e os valores do trabalho

Nas sociedades ditas industriais, dois processos parecem haver ocorrido como ondas superpostas em relação ao tempo livre ou tempo de lazer. A primeira onda, significou uma valorização do tempo destinado as tarefas úteis e, sobretudo, ao trabalho disciplinado às custas do tempo disponível para as conversas, os jogos e a bebida, entre outras formas de estar a toa, de passar o tempo, como diz Chico

Buarque, “olhando a banda passar”. O simples passar do tempo foi criticado, quando não demonizado, para impor a imagem de que o tempo não pode ser gasto, que ele é valioso demais e que deveria ser usado para produzir coisas úteis. De modo geral, os historiadores vinculam essa onda à configuração formada pela Reforma Protestante, o processo de transformação do trabalhador em assalariado, à industrialização, à racionalização e regulamentação do trabalho, à obtenção do lucro de forma racional, enfim, à vida regulada pela artificialidade do tempo do relógio. Porém, é muito menos destacada que a contra-reação não parece ter demorado muito em crescer. Ao longo do século XIX cresceu a luta pela redução do tempo do trabalho e a valorização do tempo de lazer ou de ócio que continuou até hoje, favorecida pelo aumento tendencial da produtividade que permitiu uma formidável redução do tempo de trabalho. A partir das últimas décadas do século XIX, os cientistas, baseados na fisiologia do esforço ou do trabalho, passaram a recomendar crescentemente as atividades de lazer, embora com argumentos utilitários ou econômicos³. Não poucos elogios do ócio foram escritos.

Poderíamos sugerir a hipótese de que a alternância entre o trabalho e o lazer seria resultado da vontade de proteger-se do tédio. Mais ainda, poderíamos pensar que o tédio existe, sobretudo, quando não há trabalho ou gasto energético superior à reposição, como no caso da classe ociosa. Poderíamos pensar que numa sociedade caracterizada pelo pouco tempo de trabalho, devido aos ganhos de produtividade, os problemas derivados do “passar o tempo”, de encontrarmos atividades para não sentir tédio, tornar-se-ão centrais. Nessas sociedades, a televisão ganha um valor relevante e tudo indica que o esporte espetacular grande destaque.

Temos, no entanto, um sério problema provocado pela permanência da moral do trabalho produtivo⁴. De modo geral critica-se a mídia quando apenas diverte, entretém, faz passar o tempo de modo agradável, enfim, quando apenas realiza uma função antitédio. O lazer do espectador da televisão, por exemplo, é considerado como um lazer passivo, improdutivo. Estamos de cheio sendo falados pela dimensão moral da linguagem econômica. A distinção entre lazer produtivo e improdutivo forma parte da discussão moral do lazer. Assim, o lazer não seria um bem de valor unívoco, positivo ou negativo, adquiriria um ou outro valor em função do tipo de lazer e das circunstâncias no qual ocorresse e, muito especialmente, dos valores sociais ou objetivos sociais que pudesse promover. Dormir 14 ou 15 horas por dia poderia ser considerado um lazer improdutivo. Em contrapartida, o jogo e as brincadeiras poderiam ser considerados como produtivo, quando aceitamos o valor de sua contribuição ao desenvolvimento físico, moral e intelectual de crianças e adolescentes. A valorização do lazer não ficou imune, portanto, à linguagem econômica e moral. Como o trabalho, o lazer passou a ser qualificado: lazer produtivo versus lazer improdutivo; lazer moral versus lazer imoral. Contudo, o lazer ganhou seu direito a existir e tornou-se um bem social⁵.

Um aspecto muito importante, então, é o fato de que grande parte da crítica ao lazer diante do televisor, que inclui o espetáculo esportivo, deve-se ao seu suposto caráter pouco formativo e pouco enriquecedor das personalidades e interações sociais. Assim, a televisão promoveria o lazer improdutivo por ser passivo, não-reflexivo, não-participativo e frequentemente solitário.

Estamos no terreno que preocupa a Thompson (1998), o das mudanças na percepção do tempo, orientadas pela questão de como a mudança no senso do tempo afetou a disciplina do trabalho e influenciou a percepção interna de tempo dos trabalhadores. As relações de compra-venda de trabalho levariam na direção do interesse do empregador de usar o tempo. O tempo faz-se moeda e ninguém passa o tempo, na realidade gasta-se o tempo, como se gasta a moeda. Poupar o tempo, usar bem o tempo torna-se paralelo da poupança e uso da moeda. Thompson faz a história dessas mudanças que não acontecem sem resistências e adesões, sem aceitações e rejeições, sem a presença dos costume recentes ou antigos, sem reinterpretações e novas orientações.

Contudo, o que interessa destacar é que Thompson formula a hipótese de que o “padrão de trabalho sempre alternava momentos de atividade intensa e de ociosidade quando os homens detinham o controle de sua vida produtiva” (1998: 282). Podemos pensar que a alternância era produto da vontade de recuperar as forças, contudo, também as podemos supor como resultado da vontade de gerar momentos antitédio. Não há incompatibilidade em pensarmos que o descanso está a serviço tanto da recuperação das forças quanto da invenção de momentos antitédio. A permanência na modernidade desse padrão, ainda que residual, leva a Thompson a perguntar-se se ele “não é um ritmo natural” de trabalho humano, portanto, universal. Assim, um ritmo natural e universal reaparece na avaliação do historiador, como já tinha aparecido entre os fisiólogos do esforço e do trabalho. Em oposição a esse ritmo natural e universal, Thompson descreve a propaganda mediante a qual tal naturalidade teria sido associada à preguiça, a imprevidência, à indolência no mundo que se estava tornando industrial e capitalista. Nele, martelaram os propagandistas: fazendo bom uso do tempo os homens se tornam ricos. Todavia, Thompson descobre as resistências e persistências dos modos mais antigos de perceber o tempo e se pergunta: “Até que ponto temos o direito de falar de reestruturação radical da natureza social do homem e de seus hábitos de trabalho?” (1998: 298). Abre as portas para as resistências que teriam levado na direção de velhas persistências. Mais ainda, interroga sobre a possibilidade que teríamos no tempo livre crescente, pelo aumento da produtividade, reaprendermos artes de viver que pareceriam ter-se perdido na Revolução Industrial, “como preencher os interstícios do seu dia a dia com relações sociais e pessoais mais enriquecedoras e descompromissadas; como derrubar mais uma vez as barreiras entre o trabalho e a vida” (Thompson, 1998: 302). “É passar o tempo à toa seria comportamento culturalmente aceito” (Thompson, 1998: 303).

A linguagem econômica e moral é, portanto, recuperada pelo historiador sob o pano de fundo da valorização da unidade entre vida e trabalho. Relações sociais e pessoais mais “enriquecedoras” poderiam ser desenvolvidas, ou seja, temos de novo a temática do lazer bom e produtivo. Contudo, essa revalorização econômica e moral de passar o tempo entra em tensão com o desejo da aceitação de passar o tempo à toa. Depois de tudo, estar à toa e não ter nada a fazer e isso poderia levar na direção do tédio. Conversar e brincar com os amigos não seria exatamente estar à toa. Significaria muito mais um modo socialmente aceito de passar o tempo sem tédio, um modo divertido, como pescar, jogar futebol ou assistir um espetáculo esportivo emocionante..

Dois movimentos merecem ser destacados. O primeiro, já mencionado, é o de que as características do tempo de lazer bom foram codificadas como espelhando as que habitualmente entendemos que caracterizam o trabalho. Pensando ao modo de Thompson, poderíamos dizer que entre resistências e aceitações, entre adesões e reinterpretações, entre permanência e renovação, chegamos a uma espécie de estado ou acordo valorativo no qual o lazer bom é aquele que tem algumas das características do trabalho. Expressamos isso na linguagem econômica da riqueza, das atividades “enriquecedoras” sociais e pessoais, embora não direta ou abertamente produtivas.

Assim, o lazer não-ativo, não-reflexivo, não- participativo e solitário, como o sono ou o estar diante da televisão, é ainda malquisto. O lazer, portanto, ficou carregado com valores do trabalho produtivo, apesar de sua carta de cidadania, que talvez a obteve porque pagou o custo de ser carregado com os valores do trabalho. A própria valorização de Thompson do passar o tempo ainda carrega essa força da tradição ocidental. Mas, por outro lado, aumentamos nossa valorização do subjetivo nas atividade do tempo de lazer ou lazer, entendendo como tais as que são realizadas em função do gosto e não dos compromissos, necessidades ou obrigações. O tempo de lazer e o próprio lazer, embora possam ser justificados e legitimados na linguagem normativa e utilitária, é, sobretudo, tempo de gostos, de desejos, de vontades livres (Lovisolo, 1997).

É discutível, no entanto, a irreversibilidade da quebra entre vida e trabalho ou entre lazer e trabalho. Se num momento alguma continuidade foi restaurada, mediante a idéia de um lazer bom, um lazer produtivo e disciplinado, quer para o desenvolvimento social quer para o pessoal, talvez estejamos fazendo uma segunda restauração, mediante a imaginação de um tempo de trabalho que pode gerar prazer, satisfação, gosto. Levamos esta idéia para a esfera do trabalho e com isso o estetizamos, pois pretendemos tornar o trabalho possibilidade de prazer, de gosto, de autorealização e autodesenvolvimento, ao invés de mera utilidade ou satisfação de necessidades (Lovisolo, 1997).

Estamos diante da vontade de reconstituir a continuidade. O trabalho não precisa ser pensado na linguagem da obrigação, da necessidade, do compromisso

imposto desde fora e associado com o esforço, a tensão, o cansaço e o tédio. Poderia ser entendido, sob o ponto de vista de um novo ideal regulador favorecido pela produtividade, como campo de realização pessoal, de opção e de gosto, e no qual esforço, tensão, cansaço e tédio fossem reduzidos e contassem com contrapesos.

Herdamos do século XIX e XIX uma tremenda valorização do trabalho. Herdamos a idéia de que mediante o trabalho produzíamos riqueza, objetos, acumulação. Essa, contudo, não foi a idéia mais importante do legado. O verdadeiro significado foi pensar que mediante o trabalho produzíamos a nós mesmos e, assim, colocávamos o trabalho no pedestal mais imponente. Claro que existiram e ainda existem modalidades de trabalho que nos embrutecem ao invés de enriquecer-nos material e espiritualmente. Porém, os críticos marxistas supunham, em suas medidas previsões sobre o assunto, que uma vez corrigidas as relações sociais de produção, e revalorizadas as atividades desvalorizadas, a verdade do trabalho floresceria: produzindo nos produzimos.

Num sentido mais profundo, dar o verdadeiro estatuto ao trabalho significaria apagar as distinções entre trabalho e vida, entre trabalho e lazer. Alguns, no entanto, suspeitaram dessa herança. Reivindicaram o lugar positivo e criativo do estar à toa, do lazer. Contudo, tratava-se de controvérsias entre intelectuais. O movimento real foi na direção de mantendo o trabalho aumentar o tempo que podia ser destinado ao lazer.

Um novo personagem apareceu com bastante vitalidade: o tédio. Para a grande maioria o tédio era e é uma presença. Ele está sempre na espreita e domina-nos quando menos o esperamos. A presença do tédio foi claramente entendida, talvez sem teorizações rigorosas, e dedicaram-se a investir recursos e engenhos na expansão do lazer, o divertimento, enfim, os antídotos do tédio.

Os americanos foram a vanguarda na produção do antitédio de massa: rádio, cinema, televisão, parques temáticos, brinquedos, carros, esportes, turismo, gastronomia e compras agregaram-se as formas de diversão tradicionais da família, dos amigos, da comunidade e da Igreja. A indústria da diversão continua ainda poderosa e tudo indica que em crescimento. O antitédio gerado pelo mercado ganhou destaque sobre aquele produzido no seio de relações extramercado, tradicionais ou comunitárias. Interessa apontar que no debate atual sobre a recuperação do público nos estádios de futebol, afirma-se que seria necessário incluir o jogo num espetáculo englobador cujo modelo de referência é o Superbowl.

As diversões geradas contra o tédio são seriamente não sérias. Temos uma disposição natural para aceitar os produtos contra o tédio, desde o futebol ao xadrez, desde os programas de televisão à literatura. Descemos a guarda diante do que aparece como uma nova forma de divertir-nos e estamos habitualmente

dispostos a realizar experiências que podem levar tanto à adoção quanto ao esquecimento rápido de novas ofertas. Os produtos antitédio parecem possuir a propriedade de gerar poucas resistências e o próprio Ocidente adotou vários desses produtos gerados no Oriente, desde o xadrez ao ópio. A popularização dos Jogos Olímpicos e do futebol parece responder a esse princípio de receptividade diante dos divertimentos ou atividades antitédio, embora sua adoção e difusão não devesse ser pensada como mera cópia.

Mídia e antitédio

Há, tudo indica, uma presença universal da possibilidade do tédio. Sair do tédio significa entusiasmar-se de tal maneira que o tempo passa sem sentirmos. O tédio expande o tempo, faz pesada e pastosa sua passagem. O divertimento elimina a passagem do tempo, faz aparecer o assombro diante da rapidez de seu transcorrer. Se agregamos à universalidade do tédio uma especial permeabilidade ou capacidade de recepção das atividades antitédio, parece ser bastante plausível que a interculturalidade encontre no seu campo uma via bem mais fácil de operação. Assim, podemos entender a universalização das atividades antitédio da mídia. Seu desligamento em relação a contextos culturais específicos é uma condição facilitadora de sua circulação.

Se as considerações realizadas têm alguma consistência e plausibilidade segue-se o corolário de que a própria informação deve transformar-se em atividade antitédio para circular. Por essa razão, ela tende a tornar-se espetáculo, procurando atingir as emoções (Elias e Dunning, 1995). Procura situar-se no campo do extraordinário –e disso também se ocupam a religião e a mitologia–, lugar por excelência para combater o tédio, o estado ordinário. A própria ciência quando pretende divulgação assume o valor do extraordinário, espetaculariza-se, pretende excitar para atrair.

Digo para finalizar que devemos afinar nossos instrumentos conceituais e empíricos para entendermos a dinâmica do tédio e antitédio se pretendemos entender dimensões significativas centrais do esporte competitivo espetacular.

Bibliografia

- Berlin, Isaiah 1982 *Vico e Herder* (Brasília: UNB).
- Berlin, Isaiah 1998 “A volta do Volksgeist: nacionalismo, bom e mau”, en Gardels, N. P. (comp.) *No final do século, reflexões dos maiores pensadores de nosso tempo* (Rio de Janeiro: Editora Objetiva).
- Elias, Norbert e Eric Dunning 1995 *Em busca da excitação* (São Paulo: Difel).
- Eliot, Thomas S. 1988 *Notas para uma definição da cultura* (São Paulo: Perspectiva).
- Enzensberger, H. M. 1991 *Mediocridade y delirio* (Barcelona: Anagrama).
- Gardels, N. P. 1998 *No final do século, reflexões dos maiores pensadores de nosso tempo* (Rio de Janeiro: Objetiva).
- Gombrich, E. H. 1991 *Tributos* (México: Fondo de Cultura Económica).
- Lovisolo, Hugo 1997 *Estética, esporte e educação física* (Rio de Janeiro: Sprint).
- Lovisolo, Hugo 1999 “Saudosos futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia”, en *Revista Logos* (Rio de Janeiro) Ano 6, 1º Semestre, Nº 10.
- Lovisolo, Hugo 2000 *Atividade física, educação e saúde* (Rio de Janeiro: Sprint).
- Rabinbach, Aaron 1992 *The human motor, energy, fatigue and the origins of modernity* (Los Angeles, University California Press).
- Taylor, Charles 1997 *Argumentos filosóficos* (Buenos Aires: Paidós).
- Thompson, E. P. 1998 *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional* (São Paulo: Cia. das Letras).
- Walzer, Michael 1993 *Las esferas de la justicia* (México: Fondo de Cultura Económica).
- Wolf, P. R. 1970 “Além da tolerância”, in *Crítica da tolerância pura* (Rio de Janeiro: Zahar).

Notas

1 Minha interpretação de Huizinga está fortemente influenciada pelo Gombrich (1991).

2 Ver na obra de Walzer (1993) as excelentes descrições do trabalho e do lazer.

3 Baseio-me aqui na significativa contribuição de Rabinbach (1992).

4 Observe-se que a própria tradição marxista é devedora dessa tradição em suas inesgotáveis elaborações e discussões sobre o trabalho produtivo e improdutivo, gerador de mais-valia ou não. Se os economistas são moralistas, o centro moral da economia marxista é essa discussão.

5 Um dos capítulos mais interessantes da obra de M. Walzer (1983), *Spheres of Justice. A defense of Pluralism and Equality*, é o que trata sobre o tempo livre, sobre o lazer como um bem com critérios especiais ou próprios de distribuição.